

“UMA MIGRANTE TRAZ A OUTRA!”: ESPAÇOS DE VIDA E REDES SOCIAIS DE DOMÉSTICAS MIGRANTES

Guélmer Júnior Almeida de Faria¹

Maria da Luz Alves Ferreira²

Andrea Maria Narciso Rocha de Paula³

RESUMO: Neste trabalho são analisadas as trajetórias migratórias de domésticas do Norte de Minas Gerais, considerando o enfoque nas redes sociais e espaços de vida. Ancorada na realização de entrevistas semiestruturadas com seis mulheres migrantes, interpolado com dados secundários do Censo do IBGE 2010. Investe-se nas causas que provocam a migração e como as redes sociais contribuem para as relações de gênero nas migrações. Conclui-se que as redes promovem a inserção no mercado laboral, a adaptação na sociedade e manutenção dos laços familiares e culturais com a região de destino, e igualmente uma *guetização* dos empregos femininos.

Palavras-chaves: Trajetórias Espaciais, Migrações Rurais-Urbanas, Mulheres, Redes Sociais, Trabalho Doméstico.

Área: Demografia

¹ Doutorando em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros-MG. E-mail: guelmerjrf@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Humanas (UFMG), Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros- Minas Gerais- Brasil. E-mail: mdaluz@oi.com.br

³ Doutora em Geografia (UFU), Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS), da Universidade Estadual de Montes Claros- Minas Gerais- Brasil. E-mail: andreapirapora@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O recrutamento de domésticas é uma questão que merece atenção na sociologia do trabalho e na sociologia das migrações. O trabalho doméstico constitui fonte empregadora da maioria das mulheres migrantes. A migração campo-cidade no Brasil constitui uma das formas de provisão do trabalho doméstico. E internacionalmente as migrações para as tarefas do *care*⁴ (cuidado) é o argumento central para pensar a migração de mulheres.

Percebe-se que a primeira mulher que migra inaugura a entrada de outras mulheres neste nicho de mercado de trabalho. A partir, da demanda das “*amigas da patroa*” passa-se a recrutar e alocar mulheres de suas comunidades rurais. E assim, “uma migrante traz a outra” e o ciclo das redes de relações sociais para o trabalho doméstico se efetiva e se mantém.

O acesso ao trabalho doméstico embora, aparentemente, pela sua desvalorização é entendido como de fácil acesso, este não o é. As implicações das relações íntimas do trabalho doméstico por ser exercido em âmbito domiciliar o caracterizam por ser complexo e acaba por adquirir contornos para além do mercado habitual de trabalho. Sua diferença passa por componentes tais como: indicação por confiança, confiança, solidariedade, ajuda mútua, que colabora para equacionar o problema da oferta de lugares no mercado de trabalho.

Assim, para Granovetter (1973) conhecer pessoas é o que constitui a rede, as formas de relação social são concretas e permeadas de atitudes recíprocas culminando em coesão social. Para ele, a “força dos laços fracos” é que condiciona maior mobilidade no emprego. Já que as pessoas mais próximas estão ligadas por “laços fortes”, dificultando a busca e indicação de trabalho. Portanto, em uma rede de empregadas domésticas, a mobilidade e a rotatividade no emprego ocorrem por meio das empregadas que são “conhecidas de conhecidas” ou “amigos de amigos”. Obviamente, essas constatações há aspectos positivos e negativos. Como, por exemplo, se a doméstica realiza suas tarefas satisfatoriamente, as subjetividades e as relações sociais de afetividade podem gerar constrangimentos.

Para Marques (2009), uma grande parte das condições de vida na cidade envolve trocas mercantis, o que tem como consequência óbvia que indivíduos de menor renda (e pior inseridos no mercado de trabalho) encontrem maiores dificuldades de obter e manter boas condições sociais. As demais trocas que envolvem ajudas, entretanto, podem melhorar as condições de

⁴ Trata-se de oportunidades de emprego relacionadas as tarefas naturalizadas confinadas as mulheres no espaço doméstico, no Brasil é representada em sua maioria pelas domésticas, babás e cuidadoras domiciliares, mas, igualmente, há uma exportação global dessa mão de obra inserindo-a nas rotas migratórias tanto internamente (Nordeste-São Paulo) quanto internacionalmente (Sul-Sul, Sul-Norte).

vida e solucionar problemas cotidianos de indivíduos com baixíssimo acesso à renda, que não dispõem de recursos econômicos para comprar bens e serviços via mercado.

Neste artigo pretendem-se analisar as trajetórias migratórias e as redes sociais e, especificamente, à mobilidade espacial na vida de domésticas migrantes oriundas de comunidades rurais e suas relações pessoais que servem para dar continuidade ao processo migratório no sentido de conseguir informação, escolher o destino e inserir-se no mercado de trabalho da sociedade receptora. Por outro lado, as migrações podem ser produzidas por relações muitas vezes imaginárias sobre o lugar de destino, os “espaços de vida”⁵, para tentar entender como esses processos se articulam e como se dá a formação dessas redes, que na visão de Assis (2003) as mulheres surgem como os atores que conectam os dois lugares – *aqui e lá* – por meio das redes sociais. Essas redes sociais são formadas pelas normas do parentesco e de gênero. De tal modo, as mulheres se valem muito mais da ajuda fornecida por parentes e são elas que também articulam as redes entre os demais domicílios.

Portanto, as redes de apoio no local de destino são responsáveis pela criação das condições necessárias para garantir a inserção das mulheres migrantes no trabalho doméstico. Diante de tais evidências, este estudo pretende responder as seguintes questões-problema: Porque as redes sociais são importantes nos processos migratórios? Como o espaço de vida condiciona a experiência migratória? Quais as trajetórias migracionais dessas mulheres migrantes?

Para atingir o objetivo proposto, procede-se, na primeira seção, a uma revisão de literatura sobre redes sociais e migração, contribuindo para um maior entendimento e diálogo entre as redes de domésticas migrantes. Posteriormente são abordadas as considerações metodológicas concatenadas para a análise que o artigo propõe. Na segunda seção propõem-se compreender as trajetórias migracionais e espaços de vida das domésticas migrantes pesquisadas. Por fim, são tecidas algumas considerações finais, para explicar como as redes sociais podem ser importantes para a migração feminina.

⁵ Conceito relativamente recente (cerca de 20 anos) na Demografia e que foi incorporado à análise populacional pelo francês Daniel Courgeau: **espaço de vida**. A partir daí, a Demografia, ciência eminentemente quantitativa – ou que se entende assim –, passa a se aventurar no desenvolvimento de um conceito qualitativo e quantitativo ao mesmo tempo. O espaço de vida proposto por Courgeau (1988, p.16) é aquele “*qui va couvrir la portion d'espace où l'individu effectue ses activités*”, englobando não somente os lugares de passagem e estadia, mas também todos os outros lugares com os quais o indivíduo tem relação ou ligação (MARANDOLA JR; MELLO, 2005, p. 8514).

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo é procedente de uma abordagem qualitativa onde o fenômeno migratório é visto como social, expressando suas manifestações no processo social, econômico e político ao deslocar-se para outra região. Interpolado com dados secundários do Censo do IBGE 2010.

Consideramos que pesquisar é incorporar-se a um diálogo de saberes e a combinação de análises provenientes de diferentes fontes de dados primárias e secundárias viabilizou a apreensão do fenômeno social de interesse de forma dinâmica e articulada. Além, de contribuir para a realização de estudos migratórios a partir da aplicação de métodos e conceitos alternativos, como espaço de vida, redes sociais e trajetórias. Uma vez que as fontes de dados dos censos demográficos e PNAD's embora sejam de 2010, na verdade são dados de migração dos anos 2000, buscando-se atenuar a “censo-dependência” e empregar dados mais recentes com base em técnicas qualitativas.

O enfoque no “espaço de vida” pode modificar a forma como entendemos a dinâmica demográfica e indo além do binômio moradia-trabalho, buscando uma melhor compreensão da complexidade da vida atual. As ferramentas demográficas, em especial as de base censitária, já não dão conta de mensurar e analisar a complexidade contemporânea (MARANDOLA JR; MELLO, 2005).

Por isso, sentimos a necessidade de estudar as trajetórias migratórias definidas por Giusti e Calvelo (1999, p. 30) como: *“el conjunto de movimientos protagonizados por un individuo o grupo familiar. Implica todos los cambios de residencia donde se haya permanecido por un periodo de tiempo igual o superior a un año”*.

A pesquisa foi ancorada pela observação direta e concatenada à aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas com seis mulheres residentes dos municípios de Mirabela e São Francisco-MG, localizados na Mesorregião Norte de Minas Gerais, o estado de Minas Gerais foi dividido em 12 Mesorregiões e em 66 Microrregiões, estes municípios fazem parte da Microrregião de Montes Claros e Januária respectivamente. A escolha desses municípios se deu em razão de fazer parte do projeto: *“Do sertão para outros mundos”*: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais, financiado pela FAPEMIG⁶.

⁶ Foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Estadual de Montes Claros-MG, conforme determina a Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996. Aprovação CEPEX - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº. 020/2017.

No que tange os dados secundários utilizados nesta pesquisa, foram utilizados dados do Censo Demográfico de 2010, disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A variável data fixa delimita o município cinco anos antes do Censo. O Censo é uma fonte de informação basilar sobre as migrações no Brasil, pois fornece informações imperativas para avaliação da condição migratória do indivíduo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Redes sociais e migração feminina

Nesta seção propõe-se um diálogo entre a literatura para melhor entendimento destes processos. Na literatura sobre os novos paradigmas interpretativos das migrações contemporâneas, as redes sociais, tem ocupado importante debate. Igualmente quando se analisa pelo viés do gênero, as redes sociais se configuram como importante obliquidade teórica para pensar as mobilidades femininas em contraposição às teorias das escolhas racionais.

No Brasil, de acordo com Assis (2003) os estudos de redes sociais têm sua tradição ligada aos estudos de migração interna, descrevendo o longo percurso do Nordeste para São Paulo e a rede de relações que envolviam. Os estudos analisam a formação e a consolidação das redes no caminho do campo para a cidade, como no estudo de Durham (1984).

Ao atrelá-lo aos estudos sobre migração das mulheres, Catarino e Oso (2000) evidenciam que o trabalho doméstico nas grandes cidades tem se nutrido tradicionalmente, em diversos contextos geográficos e temporários, de mulheres jovens provenientes do meio rural. O estudo que tem abordado a migração feminina e o emprego doméstico traz centrado nos movimentos internos e no papel do emprego doméstico como prática distinta para as classes que podem pagar por ele. Na visão da doméstica tradicional que convive com os empregadores, mantendo as relações de trabalho, paternalistas e alguns, a isolamento social, a duras e pesadas condições de trabalho e vida.

Nesse sentido, identifica-se que as motivações individuais, as relações familiares, a origem social e cultural, as interações dentro e fora do grupo social, às referências de status associadas à sua profissão, no caso aqui, das domésticas, condição de migrantes, o ambiente urbano presente e o passado, num marco de relações sociais de gênero designam um lugar social à trabalhadora doméstica migrante, e se apresentam como elementos que concorrem para a produção do espaço das migrantes.

Os fluxos migratórios, na visão de Ramella (1995, p. 48) se amparam em importantes e bem arranjadas redes de migrantes definidas como um *“tejido de relaciones interpersonales en las cuales los individuos estaban inmersos – en tiempos y espacios determinados – y que entreteñían en torno a si mismos”*.

As redes sociais emergem, segundo Assis (2003, p. 209) “em decorrência do próprio desenvolvimento desse processo migratório e das conexões que passam a ser estabelecidas entre os locais de destino e origem dos migrantes. As redes sociais foram se configurando e são importantes para podermos desenhar o fluxo e compreender como se articulam”.

Fazito (2002) afirma que historicamente, os processos migratórios parecem se originar e se organizar através das redes familiares (laços de consanguinidade e afinidade) que oferecem o apoio social (através dos vínculos afetivos e das normas estatutárias), instituído segundo as regras de reciprocidade, de acordo com a natureza social da família. E embora estudiosos da demografia da família venham se questionando sobre a modificação das funções de apoio social atribuídas às famílias ao longo da história, pode-se dizer que de uma forma ou de outra os arranjos familiares desempenham intrinsecamente a função efetiva de suporte social de seus membros.

Truzzi (2008, p. 207) afirma que “é por meio das redes que são veiculadas informações e opiniões que condicionam a favor da emigração. As redes sociais, geralmente de parentesco, amizade ou mesmo religiosas, são fundamentais para explicar a chegada ao destino, sobretudo porque elas ajudam a reduzir o custo psicológico e econômico da emigração”.

Para Piselli (1998) as redes sublinham a complexidade e o entrelaçamento das esferas informais e formais da economia, a importância das variáveis sociais através das quais se desencadeia o processo econômico, e ainda as inter-relações entre as unidades de produção, instituições, território e grupos étnicos. Defrontamo-nos assim, com espaços múltiplos de trocas; que são definidoras de situações de igualdade, de amizade e de “circuitos de confiança”.

Em relação às redes interpessoais, Massey *apud* Soares (2003, p. 240), nos diz que, as

Redes sociais mais importantes funda-se em relações de parentesco, de amizade, de trabalho e na origem comum. Essas relações não são criadas pelo processo migratório, mas são adaptadas por ele e, no decorrer do tempo, são reforçadas pela experiência comum da migração. Assim, a migração pode ser entendida como processo social, organizado por meio de redes forjadas por conexões interpessoais diárias, que caracterizam todos os grupos humanos.

No entanto, quando se analisa pelo viés do gênero, Hagan (1998) demonstra que variação na estrutura das redes sociais influencia diferentemente a adaptação de homens e

mulheres. Enquanto os homens se inserem em uma rede de controle da organização social do processo de trabalho, as mulheres submetem-se essencialmente no trabalho doméstico e em geral moram no emprego. Assim, as redes sociais das mulheres giram em torno de redes fechadas, ou encapsuladas. E essa situação acaba por influenciar a busca e indicação de trabalho, bem como dificultar a mobilidade do trabalho, subjugando assim as empregadas domésticas migrantes em um eterno refúgio que é o trabalho doméstico.

Como exemplifica Lisboa (2007) o fato das categorias de modalidades do trabalho doméstico: domésticas externas, mensalistas, faxineiras ou diaristas, que geralmente são mulheres pobres com filhos menores, morando nas periferias das grandes cidades, muitas vezes sem creche ou escolas em tempo integral para seus filhos. É nesse momento que as redes de apoio se fazem presente, garantindo acolhimento e estabelecimento no trabalho na cidade, o que segundo Neto e Nazareth (2012), muitas vezes são sua única forma de articulação com o mercado de trabalho, mesmo que o vivam de forma irregular e informal, sem as garantias previstas em lei. Atualmente, não oferecer alojamento para as empregadas é uma maneira de cortar gastos para a classe média.

Portanto, as redes de apoio no local de destino são responsáveis pela criação das condições necessárias para garantir a inserção das mulheres migrantes no trabalho doméstico, se constituindo no motor propulsor dos processos migratórios.

A teoria das redes sociais de acordo com Piselli (1998, p. 110) “com base no indivíduo e nas respectivas redes relacionais, reconstroem o tecido das relações sociais e econômicas, as trajetórias e os canais da mobilidade social, bem como as dinâmicas de conflito e mudança”.

Quanto às redes encapsuladas (*fechadas em si*) em um estudo sobre mulheres migrantes Somalianas em Nápoles, Decimo (1998) percebeu a maneira fechada de viver em uma cidade das mulheres somalianas que estão ligadas por várias formas de reciprocidade, o que lhes permitem satisfazer muitas das suas necessidades. A rede de relacionamentos é caracterizada por laços fortes e múltiplos que restringem cada indivíduo a um intercâmbio constante de dinheiro, serviços, informações e apoio moral. Os protagonistas deste sistema de relações não veem a imigração como uma ruptura com seu mundo de origem.

Nos estudos sobre mulheres migrantes na Europa do Leste, Hellerman (2005) apontou que as domésticas e, em particular, as domésticas internas (aquelas que dormem no domicílio, seis dias ou seis dias e meio), são muito limitadas às possibilidades que elas têm para se encontrarem com outras pessoas, para obter apoio, para criar redes sociais próprias, etc.

Logo, quando se analisa do ponto de vista da sujeição a que estão submetidas estas mulheres estão muito sós e, por esta razão, encontram-se numa situação extremamente vulnerável. Como seu dia de folga é, normalmente, o domingo, a igreja torna-se num elemento social com grande importância no seu trajeto migratório. A missa aos domingos e, sobretudo, os encontros informais que ocorrem depois, na rua, oferecem uma possibilidade regular para ver outros imigrantes e para estabelecer, pelo menos, alguma forma de interação social (HELLERMANN, 2005).

Neste cenário, Decimo (1998) aponta em seus estudos com imigrantes somalianas em Nápoles, que para resolver as dificuldades materiais e morais que afligem a vida cotidiana, as mulheres construíram uma complexa rede de solidariedade que as sustenta em dificuldades. Esses cruzamentos permitem a comunicação e o intercâmbio onde um vazio social e econômico existiria.

Granovetter (2007, p. 11) argumenta que “o papel das relações pessoais e concretas e as estruturas das redes têm por base as relações na origem na confiança e no desencorajamento da má-fé. Patroas e empregadas domésticas vivem uma relação de ambivalência, tanto as assimetrias de gênero quanto nas relações de confiança para indicação de novas empregadas e nas relações de trabalho”.

E, de fato, verificamos que é na relação entre as domésticas, entre estas e os empregadores e, em menor grau, dos empregadores entre si, que se constroem as relações de confiança no mercado de serviços domésticos (GIRARD-NUNES; SILVA, 2013).

Para Soares e Rodrigues *apud* Angelin (2012), as relações estabelecidas entre os protagonistas de uma rede também apresentam forma e conteúdo. O conteúdo dessas relações é construído através da natureza dos laços sejam eles de parentesco, amizade, afetividade, etc. Já a forma da relação compreende dois aspectos, a intensidade do laço entre os protagonistas da rede e o grau de reciprocidade com que o laço entre os atores se manifesta.

Por isso, a migração feminina se ancora em redes sociais para que as domésticas estejam inseridas no mercado de trabalho e para o migrante o trabalho caracteriza a única via possível de mudança, sobrevivência e esperança de uma melhora de vida.

Ademais, para Baeninger *apud* Salata (2017) apontam que é recomendável compreender as relações com os locais de partida e de chegada simultaneamente, os chamados “espaços de vida”, ou seja, aquelas porções do espaço onde os indivíduos realizam suas atividades e se realizam.

Logo, esses sujeitos sociais para Lima e Conserva (2006) inserem-se em estruturas de redes que resultam de sua posição na estrutura social e de uma cultura decorrente dessa posição que se manifesta na experiência cotidiana. Embora com condicionantes sociais decorrentes da estrutura social, a ação individual não se restringe a esses condicionantes, existindo certa liberdade na escolha de estratégias de ação permitindo mobilidades dentro da estrutura. O formato da rede social e/ou a participação em diversas redes favorece o acesso a recursos diferenciados, o que explica que indivíduos de mesma origem social construam trajetórias sociais distintas.

Portanto, as redes de apoio no local de destino são responsáveis pela criação das condições necessárias para garantir a inserção das mulheres migrantes no trabalho doméstico e ancorar suas trajetórias migracionais dentro de um espaço de vida que está em frequente transformação e adaptação.

4. Trajetórias migracionais e espaços de vida das domésticas migrantes

Nesta segunda seção apresento as trajetórias migratórias de algumas interlocutoras da pesquisa⁷, e também suas formas de movimentação pelo espaço. Embora não se trate propriamente de uma investigação sociológica das trajetórias migratórias, elas se mostraram um material empírico relevante para se pensar a questão das redes sociais e dos espaços de vida dessas mulheres migrantes.

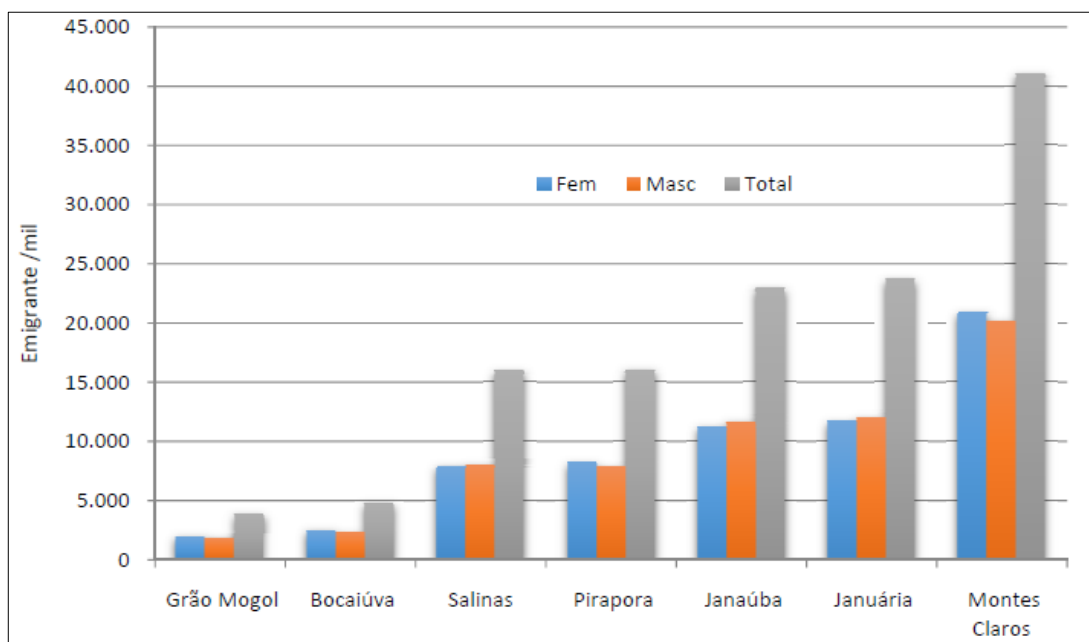
Procurando apontar algumas características das participantes da pesquisa, será descrito algumas histórias das entrevistadas. De uma maneira geral as médias de idade, no início da pesquisa em 2017 tinham entre 40 e 60 anos. Além disso, essas mulheres tinham baixa escolaridade, sendo na maioria dos casos possuindo apenas o ensino fundamental o que equivale apenas cinco anos de estudos ou menos. As trajetórias migracionais estão inseridas em migrações intraestaduais (São Paulo, São José dos Campos, Campinas) e intrarregional (Belo Horizonte, Patos de Minas, Contagem, Nova Serrana, Ribeirão das Neves, Montes Claros), sobressaindo entre a maioria à migração de retorno aos seus municípios de origem (Mirabela e São Francisco) ou municípios próximos dentro da mesma região (Japonvar e Montes Claros).

⁷ Foram realizadas trajetórias das 6 mulheres migrantes participantes dessa pesquisa, apenas para ilustrar serão utilizados como exemplo dois esquemas migratórios (A. e B.), não é a intenção discorrer sobre a trajetória migratória de vida de cada participante.

A intensificação capitalista no campo e a concentração fundiária são fatores relevantes que proporciona a migração rural/urbana, porquanto em regiões como o Norte de Minas que apresenta uma alta concentração de terras, incluída às relações de poder praticadas pelos latifundiários e uma mão de obra com baixa qualificação fazem com que a migração para as cidades seja uma opção à exploração da mão de obra e à dominação que os trabalhadores rurais enfrentam (OLIVEIRA, 2012).

No que se refere ao sexo dos emigrantes do Norte de Minas, não há expressiva diferença entre mulheres e homens, sendo 50,28%, do sexo feminino, e 49,72%, do sexo masculino. Embora, as mulheres se sobressaem. Nas Microrregiões Grão Mogol, Montes Claros, Pirapora e Bocaiúva predominaram emigrantes do sexo feminino; todavia, as diferenças não são grandes, segundo Fonseca (2015, p. 207) apresentaram mais emigrantes do sexo masculino as Microrregiões de Salinas, Janaúba e Janaúba, mas a quantidade a mais também foi pouca, respectivamente: 104, 285 e 437 homens. Na Microrregião de Grão Mogol foram registrados 173 emigrantes a mais do sexo feminino, na Microrregião de Bocaiúva, 237 mulheres; na Microrregião de Pirapora, 372 mulheres; e na Microrregião de Montes Claros, 742 mulheres (Gráfico 1).

Gráfico 1. Microrregiões do Norte de Minas: sexo dos emigrantes, data fixa (2010).



Fonte: IBGE Censo data fixa, 2010 *apud* FONSECA (2015, p. 207).

Esses dados reforçam a tese de Raveinstein (1980) em que os indivíduos do sexo feminino tendem a migrar mais do que do sexo masculino, principalmente a migração de curta distância. Herrera (2012) pontua que a relação de gênero e migração se faz presente com a participação das mulheres nos fluxos de migração rural-urbana que transformaram as cidades durante o século XX, momento de auge das políticas neoliberais implantadas na América Latina, e que serviram como um dos mecanismos através dos quais muitas mulheres ingressaram pela primeira vez ao mercado laboral, principalmente ao setor doméstico.

“O trabalho doméstico considerado em territórios nacionais implica uma circulação de pessoas entre mundos sociais e culturais distintos (entre classes; entre, muitas vezes, etnia, pessoas ou grupos racializados; entre rural e urbano; entre bairros urbanos etc.). O circuito é feminino e, quase sempre, a circulação é de mulheres” (KOFES, 2001, p. 23).

“Do emprego, às vezes a pessoa lá tá trabalhando né? Igual eu mesmo. Se eu quisesse falar assim: fulana você com passar.... Eu vou embora, mas meu serviço vai ficar aqui você quer vim? E com certeza aí você fala assim como é que é o seu serviço, vou explicar tudo aí você vai. Aí eu já indico você lá. Oh! Fulana de tal conheço, fulana de tal é direita ela é isso aqui. Porque você sabe que nesses lugar eles tem que ter informação de tudinho. Como é que você é e como é que você não é. Aí eu vou e já indico você lá. Aí se já vai indicada minha. Aí você já vai fazer o serviço. Então é igualmente o que passa eles já fazem assim. Quando a pessoa vai quer ir trabalhar fora, ela vai indica por outra. Aí fulana chega lá e já tem isso né? Aí a pessoa vai naquilo porque tá aqui sem trabalhar mesmo. Eu, se eu falasse assim tem serviço agora em Belo Horizonte, eu ia entendeu!” (B., 55 anos, doméstica).

Assim, percebe-se a compreensão do trabalho doméstico e a migração interna de mulheres rurais, pobres com os pressupostos segundo Monticelli (2017, p. 5) “servilistas, que muitas vezes se conectam com práticas discriminatórias e desiguais. São justamente esses discursos, práticas, lógicas, símbolos e representações que fazem parte da “cultura doméstica””. A “cultura doméstica” é intrinsicamente formada nas relações de poder familiares, da divisão sexual do trabalho, nos espaços, lugares e constitui importantes posicionalidades que diferenciam e mantem hierarquias, no Brasil, muito comum a cooptação de jovens do meio rural para se empregar em casas de família nas cidades com várias justificativas: “estudar”, “comprar suas coisinhas”, “apadrinhar”, “fazer companhia”, “ajudar a olhar as crianças”, etc...

Quanto à idade, os emigrantes por idade da Mesorregião do Norte de Minas segundo faixa etária foram encontradas de 5 até 102 anos, considerados em 5 até 19 anos (jovens) correspondem a 29,70%; de 20 até 59 anos (adultos) chegam a 66,05% a maioria tanto do sexo feminino quanto do masculino; com 60 anos ou mais (idosos) com 4,25% (Tabela 1).

Tabela 1. Emigrantes por idade, Norte de Minas, data fixa (2010)

Idade	Percentual
5 a 19 anos	29,70%
20 a 59 anos	66,05%
60 a 102 anos	4,25%

Fonte: IBGE, Censo 2010 adap. Fonseca (2015).

Santos (2015) chama a atenção para a migração de meninas ou mulheres jovens para se empregarem em residências nas cidades, como uma prática comum. A migração voluntária ou induzida pelos pais, ora as mulheres migravam por iniciativa própria, ora, eram enviadas na infância pelas famílias.

A interpretação dessa origem comum das domésticas pode ser visto como uma prática cultural aliada a “cultura doméstica” e a “cultura migratória” das famílias pobres da região Norte de Minas Gerais, se configurando também, como uma tática de sobrevivência articulada às construções de gênero dos grupos familiares desprovidos da zona rural e das redes sociais.

“Então eu não fazia, igual minha filha mesmo me levou para São Paulo. Fez tudo! Oh, mãe lá ganha mais a empregada doméstica ganha mais... Então a senhora vai para lá, aí larguei o meu emprego em Belo Horizonte e rapei pra lá. Aí lá eu sei que minha filha que me levou mais só que lá eu não senti pelo clima de lá ser igual de Belo Horizonte” (B., 55 anos, doméstica).

A transformação social e econômica da região promovida por baixos índices de desenvolvimento social e humano, projetos de desenvolvimento calcados na expulsão de comunidades tradicionais, a falta de políticas públicas bem geridas, reforça a tese de alguns estudiosos, tais como Paula (2009), Fonseca (2010) da criação de uma espécie de “cultura de migrar”, segundo Souza (2016), é transmitida através das gerações e pelas redes sociais. Essa cultura molda valores e atitudes, elevando o deslocamento a um “fato natural” oportuno para se atingir o sucesso financeiro pessoal e familiar.

Assim, quando falamos desse cenário, concordamos de que as práticas, seus significados e seus sentidos vão depender das unidades familiares, mas, na essência trata-se de um fenômeno coletivo, vivido e vivenciado pela maior parte da população que habita no espaço do Norte de Minas Gerais.

A Tabela 2, expressa a população emigrante do Norte de Minas segundo data fixa (2010). A microrregião de Montes Claros há 41.064 emigrantes, onde está inserido o município de Mirabela que apresentou um total de 1.410 emigrantes. Na microrregião de Janaúria o número de emigrantes é de 23.731, onde está localizado o município de São Francisco com 11.206 emigrantes. Para Fonseca (2015, p. 161) “a emigração é histórica na Mesorregião Norte de Minas, sendo agregada a vários fatores: pobreza, miséria, atraso econômico, longo período de seca, dificuldades de produção e capacidade de suporte que os rendimentos da migração dão à reprodução da população”.

Tabela 2. População total/emigrantes, Norte de Minas, data fixa (2010).

Microrregião	População total (2010)	Emigrante (data fixa)	Percentual (%)
Grão Mogol	42.669	3.887	9,10
Bocaiúva	68.624	4.819	7,02
Salinas	210.771	15.978	7,58
Pirapora	164.903	16.074	9,74
Janaúba	247.487	22.957	8,29
Januária	274.092	23.731	8,65
Montes Claros	601.867	41.064	6,82
Total	1.610.413	128.510	7,97

Fonte: IBGE, Censo 2010 apud Fonseca (2015)

As migrações fazem parte do histórico da região, nas décadas de 50, 60 e 70 (Século XX) muitos norte mineiros deixaram a região para o “sul maravilha” auxiliando na urbanização e industrialização do país.

Seja por causas objetivas ou subjetivas, essas migrações ora de caráter temporário ou definitivo rejam uma necessidade de muitos norte-mineiros; fazem parte da cultura as idas e vindas, trajetórias que transformam geração após geração (FONSECA, 2015).

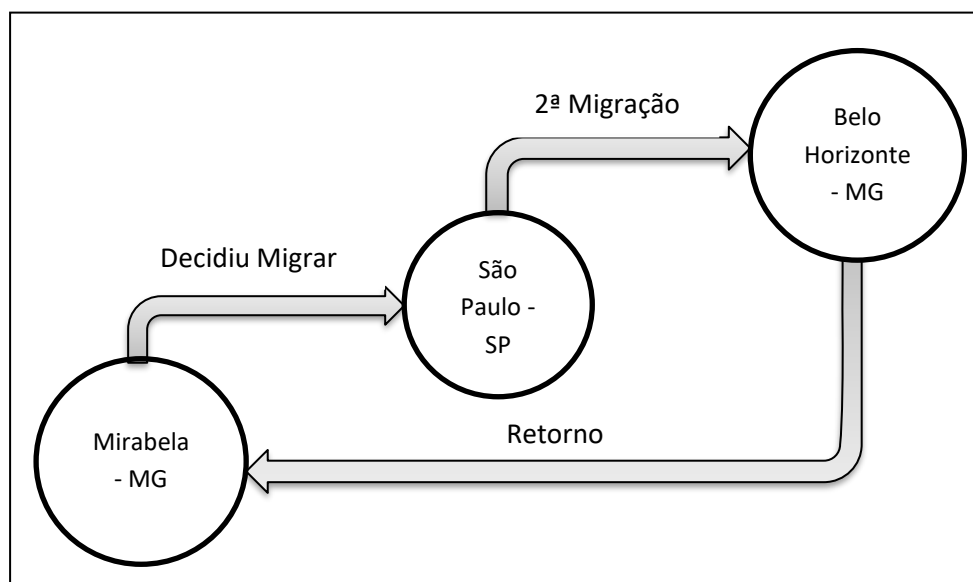
Portanto, quando se pensa em trajetória, para Burgos (2009) a ideia parece reduzir-se ao caminho diacrônico de uma pessoa, sem considerar que as trajetórias ou os caminhos dos imigrantes cruzam-se entre si possibilitando a formação de redes.

Giusti e Calvelo (1999) afirmam que o estudo da trajetória migratória constitui um enfoque longitudinal que permite a compreensão do modo pelo qual as pessoas conjugam diferentes práticas residenciais no transcurso das etapas de seu ciclo de vida.

Devido a migração, a trajetória migracional das domésticas foi se ampliando no decorrer do tempo. Sendo necessário pesquisar o conjunto de deslocamentos e as mudanças de residência onde elas permanecem por um período de tempo igual ou superior a um ano. Especialmente, o conjunto de lugares a partir dos quais se operam os deslocamentos mudaram. A trajetória da migrante A (**Figura 1**), por exemplo, tem-se uma trajetória direta de Mirabela-MG decidiu migrar para São Paulo-SP, para trabalhar como doméstica, e uma trajetória de resguardo para Belo Horizonte-MG, quando de um tempo decide retornar ao local de origem, Mirabela-MG; a trajetória migracional se amplia para três locais, conformando espaços de vida e trabalho. Quando indagada sobre como decidiu ir para São Paulo-SP:

“Pra caçar uma vida melhor né? Porque aqui eles falam assim que hoje em dia aqui tá melhor tá muito bom, mas até a cidade aqui é não tem muitos anos que ela é emancipada me parece que ela só tem 54 anos de emancipação. Então, assim é mais complicado, inclusive até hoje não tem trabalho, firma essas coisas, não tem.” (A., 40 anos, doméstica)

FIGURA 1. Trajetória migracional da migrante A.



Fonte: Elaboração própria (2017).

A trajetória migracional da migrante A., 40 anos, doméstica há mais de 20 anos; começa com sua mãe que foi a primeira a migrar, o deslocamento migratório semelha como estratégia de reprodução social familiar e geracional, desenhando um tipo de trajetória que está atrelada ao espaço físico, mas que constitui uma trajetória imaginária, pois parece ser uma resposta ao deslocamento através de representações do lugar de origem e da busca por trabalho. O espaço de vida (Mirabela-MG) é algo imaginário e o local de trabalho (São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG) guiam sua trajetória migratória e a sua vida. Em relação à percepção da mudança de vida ela disse:

“Ah! Eu acho que até mesmo em questão financeira né? Questão financeira! Porque ela fala assim, que é quando ela morava aqui os pais dela trabalhavam na roça né? Vivia trabalhando na roça pro outros assim é mesmo que é igual ela fala quanto ela foi embora para lá trabalhar na casa de família mais assim, mas era melhor né mesmo assim! As coisas era melhor do que quem morava aqui que trabalhava na roça, eu acredito que para ela foi melhor.” (A., 40 anos, doméstica).

Nesse sentido é que as redes começaram a ser utilizadas nos estudos sobre migração, o que seria as relações? E o que seria os atributos? De acordo com Portugal (2006), as relações são laços, estes podem ser, fracos, fortes, mistos e neutros. Os laços fortes são de identificação (parentesco, pertença), os fracos são de diferenciação (duração de uma relação), os mistos apresentam ao mesmo tempo identificação e diferenciação e os neutros que não apresentam nenhuma dessas características. E os laços positivos são aqueles com interação frequente e os passivos de interação irregular. Os conteúdos das redes de relações de A. são baseados em redes de parentesco (irmãos, pais - pontos), com circulação de informação de trabalho (conexões). Quando questionada sobre a facilidade de encontrar trabalho nas capitais, a fala da entrevistada remete para a identificação de pessoas que operam na migração:

“Oh eu acho que foi assim, eu não sei te explicar quem foi, mas a maioria assim um foi primeiro aí tipo assim aí como tem família aqui um passa para o outro é melhor e aí por diante é desse jeito e vai indo, vai indo, vai indo. E igual eu te falei, minha mãe, o fato dela ter ido para São Paulo e depois foi para Belo Horizonte e nisso por ela ser a única que morava lá, aí depois os irmãos dela mesmo foram para lá, moram lá. E foi assim através de um que acaba levando o outro, é melhor assim e assim por diante vai”. (A., 40 anos, doméstica)

Assim, sua rede pode ser interpretada utilizando-se desse arcabouço teórico para dizer que: “São redes de laços fortes e positivos”. Pois, há um sentimento de pertença (parentesco) e com interação frequente. Quanto maior os conteúdos das relações (trabalho, moradia, ajuda nos

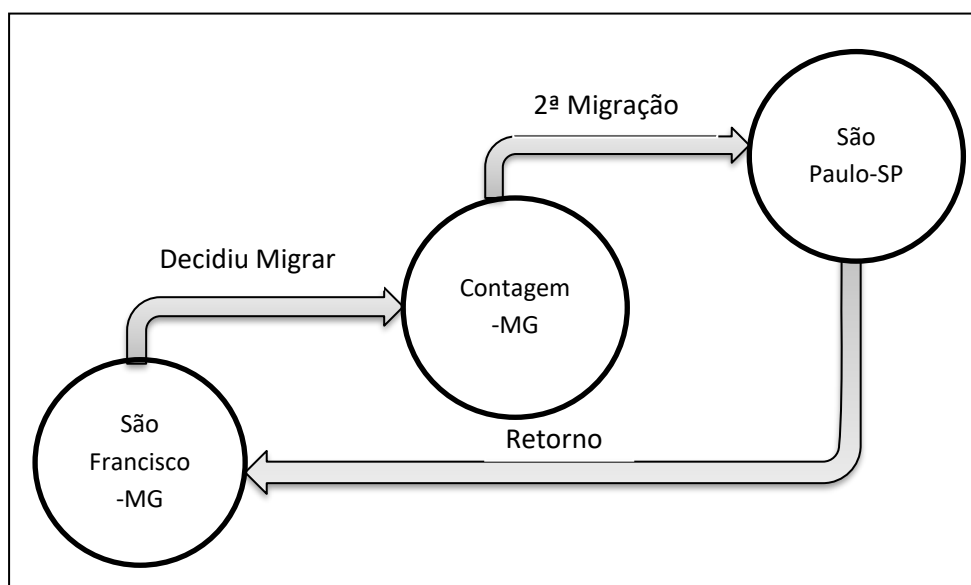
cuidados, suporte na chegada ao destino, indicação para o trabalho) maiores serão os vínculos de reciprocidade, vínculos afetivos, reconhecimento mútuo e solidariedade.

Essa fala se vincula ao preconizado por Fazito (2002, p. 6) de que “as redes sociais são aquelas que relacionam indivíduos em suas redes pessoais cotidianas, que se consolidam empiricamente nas redes de parentesco e amizade dentro da comunidade”.

Trata-se de uma imbricada rede de pertencimento, sociabilidade e pertencimento capazes de dar sentido a ações sociais através da territorialização, seja no arranjo, na passagem ou permanência no lugar de destino, ou seja, contribuindo para a sua adaptação, integração ou definindo sua posição.

A trajetória migracional da migrante *B.* (**Figura 2**), 55 anos, doméstica há mais de 25 anos, tem uma filha que igualmente trabalha como doméstica em São Paulo-SP. Sua primeira migração foi para a cidade de Contagem-MG para trabalhar no sítio de seus patrões, não quis ter a carteira assinada, convencida pela filha teve sua segunda migração para a cidade de São Paulo-SP, no entanto, teve dificuldades com o grande centro urbano, retornando ao município de origem, São Francisco-MG, mas em sua fala, destaca que havendo oportunidades de emprego em Belo Horizonte regressaria. Esse espaço de migração e os tipos de trajetórias espaciais inseridas nele parecem ter relação com os diferentes motivos de migração dessas mulheres, mas, é imperativo observar a intervenção no sistema de reprodução familiar e socioeconômica das famílias dessas migrantes.

FIGURA 2. Trajetória migracional da migrante *B.*



Fonte: Elaboração própria (2017).

Essa rede caracteriza-se pela informação e indicação por trabalho. Na prática, Granovetter (2007, p. 11) nos indaga dizendo que recorremos a essas informações generalizadas quando nada melhor está disponível, mas normalmente buscamos melhores informações. Melhor que a afirmação de que alguém é conhecido pela sua honestidade é a informação de um informante confiável que já lidou com esse indivíduo e o considerou honesto, no caso aqui, a filha. Também apontado por Piselli (2008) como os circuitos de confiança, estratégia recorrente dos empregadores para recrutar domésticas, ao se utilizarem disso se apoiam nas redes sociais dessas migrantes.

Entrevistador: Você trabalhou lá em quantas casas?

Migrante B.: Eu trabalhei... Ou minha filha eu trabalhei em várias casas lá.

Entrevistador: De empregada doméstica? Muitas mulheres vão trabalhar de domésticas lá?

Migrante B.: É. Várias... Várias.

Entrevistador: Como que vocês ficam sabendo desses empregos, esses trabalhos? Alguém arrumava?

Migrante B.: Não. Informação dos outros que iam passando.

Entrevistador: Uma ia passando e indicando?

Migrante B.: É. Uma ia passando para outra e indicando como que era o serviço. Aí eu conseguia pegar o serviço.

Quanto aos conteúdos das redes de relações de *B.* são baseados em redes de parentesco (filhas - pontos), com circulação de informação de trabalho (conexões). O que corrobora para “*redes de laços fortes e positivos*”. Portanto, os atributos, relações e as trajetórias dessas domésticas migrantes internas vão depender das diferenças e características pessoais com as quais construíram e mantiveram seus vínculos, como cada uma delas mobilizou sua rede de relações e outras variáveis de acordo com ciclo de vida e das suas trajetórias na busca por trabalho, “*elas movem as redes e as redes as movem*” significa dizer que as redes promovem a inserção no mercado laboral, a adaptação na sociedade e manutenção dos laços familiares e culturais com a região de destino, diminuindo o desgaste psicológico com a desintegração familiar e saída do local de origem e igualmente “*uma migrante traz a outra*”.

Estas redes de mulheres domésticas migrantes tem caráter antagônico, pois, ao mesmo tempo em que a rede funciona como uma inserção no trabalho e na própria comunidade de destino tem caráter fechado, encapsulado que obscurece a novas relações sociais com sujeitos exteriores a essa rede, dificultando transpor a categoria doméstica. Ou seja, os seus contatos

não parecem suficientes para fazê-la ingressar em outro nicho do mercado de trabalho. Por um lado, porque poucas são as pessoas do seu círculo de relações que têm ligação com outras áreas, muito parecidas com ela do ponto de vista socioeconômico.

Foi com minha filha que foi. Mas, é por isso que eu vou falar com você que tem pessoa lá que sabe o que fala: ah se fulana vim eu consigo um serviço para ela, então através disso, minha filha mesmo foi, foi assim através de outra que trabalhava lá e levou ela, encaixou ela. Então é por isso que eu falo que uma vai passando para as outras. (Migrante B., 55 anos, doméstica).

Na visão de Fazito (2002) o contexto social dominado pela coletividade seria regido por estruturas, instituições, normas e interação cotidiana e, assim, definiria a “condição de migrante” dos indivíduos. É preciso estar conectado às estruturas sociais adequadas para que a migração se configure como estratégia coletiva (e individual, em outro momento) concreta e plausível e as domésticas decifraram sua condição de migrante apoiadas em redes sociais de ajuda mútua.

Assim para Catarina e Oso (2000), a maioria das mulheres são jovens provenientes do meio rural, que se empregam como domésticas internas nas casas de famílias de classe média, onde tem assegurado o alojamento e manutenção nas cidades. Isso não anula o suporte por adesão em uma rede social.

As trajetórias migratórias ajudam na discussão de Saquet e Mondardo (2008) que eles dizem do fenômeno migratório como produto e produtor de uma complexa trama territorial entre os territórios de origem e de destino dos migrantes no “ir e vir” da busca pelo trabalho (reprodução social).

O aspecto comum encontrado em ambas as trajetórias descritas sinalizam para a migração de retorno, conforme Campos, Reis e Colla (2016, p. 2) “o retorno muitas vezes se verifica por algum equívoco de avaliação quanto às oportunidades no local de destino, o que resulta em frustração no que tange às suas expectativas quanto às melhorias almejadas”.

Por meio dessas trajetórias migracionais, percebemos que muitas são as motivações que as levaram a migrar, os fatores macroestruturais afetam tanto quanto os fatores microestruturais na migração feminina, as relações de gênero atreladas às redes sociais se vislumbram enquanto tática migratória e operam no binômio estrutural da migração, “esperança” e “fracasso”, como corroboram Campos, Reis e Colla (2016, p. 3) “o retorno não ocorre pura e simplesmente por um “sucesso” ou um “fracasso” econômico no mercado de trabalho de destino, mas também se relaciona como próprio ciclo de vida dos migrantes”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as redes sociais da migração constituem aspecto relevante para os estudos das relações das domésticas e não basicamente dos atributos de cada uma delas possuem. As redes promovem a inserção no mercado laboral, a adaptação na sociedade e manutenção dos laços familiares e culturais com a região de destino, diminuindo o desgaste psicológico com a desintegração familiar e saída do local de origem. Assim, esse estudo privilegiou as unidades sociais, no caso, as domésticas migrantes. Percebendo que como Decimo (1998) verificou em seus estudos que essas redes fechadas podem também definir uma *guetização* dos empregos femininos considerados desqualificados e com baixos níveis de escolaridade. Acrescente-se a isso, a informalidade e a desproteção social há que estão submetidas ainda; mesmo no Brasil havendo políticas públicas para regularização do trabalho doméstico⁸.

Assim, o espaço de vida condiciona a experiência migratória, que de acordo com Courgeau (1988) propõe quatro tipos de estágios do espaço de vida: difusão ou uma extensão, deslizamento, transplantação, e contração ou um recuo. O espaço de vida como difusão ou uma extensão em direção a novos pontos do espaço configura-se quando a mulher migrante começa a trabalhar como doméstica, conservando os lugares de afeição/ligação, como os seus lugares de origem (Mirabela e São Francisco). O deslizamento de posições, ou seja, com a incorporação de novos lugares ao espaço de vida (Belo Horizonte e São Paulo), há uma perda de posições anteriores. A transplantação pode ser uma consequência do deslizamento, se nenhuma posição anterior tiver sido mantida, havendo uma mudança completa da implantação do indivíduo no espaço, no caso, a tofobia (rejeição) ao espaço da metrópole é importante para pensar os migrantes rurais-urbanos. E por fim, a contração ou o recuo no espaço de vida pode ocorrer se houver a perda de posições anteriores, como no caso da migração de retorno.

Em relação às trajetórias migracionais dessas mulheres migrantes, pondera-se que estas duas trajetórias apresentadas, de maneira simplificada, demonstram as condições favoráveis da migração de mulheres em relação à busca por trabalho. Por outro lado, o funcionamento das redes sociais é um fator importante no que diz respeito à “cultura migratória” aliada a “cultura doméstica” presentes na análise da rede. Entretanto, a maior parte dos sujeitos desta pesquisa, apesar de possuir consciência de sua ação, de seu deslocamento ou dos motivos da migração no começo do processo de mobilidade espacial (fatores econômicos), não conhecem o conjunto de

⁸ Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, também conhecida como a “PEC das Domésticas”.

fatores intervenientes no processo migratório (subjetividade), já que vivem a trajetória, não a interpretam, e por isso, alguns não se percebem parte desse nomadismo característico das mulheres que migram do meio rural para servir as famílias da classe média e alta no meio urbano.

A presente proposta de trabalho tratou de incitar reflexões acerca da migração feminina como estratégia de reprodução social dessas famílias inseridas na região Norte de Minas Gerais entre os diferentes espaços de vida da migração interna levando em conta a articulação entre trabalho, trajetórias e as redes sociais. Suscita-se que há lacunas a serem preenchidas pelo viés das relações de gênero e sobre as dinâmicas migratórias internas no Brasil quando dizem respeito ao segmento feminino.

Por fim, essas análises foram possibilitadas pela articulação de diferentes metodologias, bancos de dados e aporte teórico afinados com a complexa realidade social a ser descrita e decifrada, como bem vem desenvolvendo a Demografia, nas últimas décadas, avançando no aprimoramento e aplicação de metodologias qualitativas que lhe permitam deter e analisar mais e melhor os complexos fenômenos sociais, econômicos e ambientais relacionados com a dinâmica populacional.

6. REFERÊNCIAS

ANGELIN, P. E. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, 2012.

ASSIS, G. “De Criciúma para o mundo” - Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. *In*: MARTES, A. C. B., FLEISCHER, S. (Orgs). **Fronteiras Cruzadas etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

BURGOS, N. E. **Trajetórias migratórias e redes sociais**: a mobilidade espacial de professores universitários argentinos para Florianópolis (SC). 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

CATARINO, C.; OSO, L. La inmigración femenina em Madrid y Lisboa: hacia una etnización del servicio doméstico y de las empresas de limpeza. **Papers**, Bellaterra 60, pp. 183-207, 2000.

CAMPOS, J.; REIS, C. I. S.; COLLA, C. **Caracterização espacial da migração de retorno ao Nordeste**: uma análise dos fluxos migratórios intermunicipais nos quinquênios 1995- 2000 e 2000-2010. *In*: **Anais...** XX Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil de 17 a 22 de outubro de 2016.

DECIMO, F. Living the city the urban integration of Somali women in Naples. *In: Shifting bonds, shifting bounds women, mobility and citizenship in Europe*. FERREIRA, V.; TAVARES, T.; PORTUGAL, S. (Orgs.). Oeiras, Celta Editora, 1998.

FAZITO, D. **A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade**. *In: Anais... XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

FONSECA, G. S. **Reterritorialização de migrantes temporários mirabelenses**. *In: Anais... XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, realizado em Caxambú-MG, Brasil de 20 a 24 de setembro de 2010.

_____. **Migrações da mesorregião Norte de Minas/MG: análises do Censo Demográfico de 2010**. 310 f. Tese (Doutorado em Tratamento da Informação Espacial) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GIRARD-NUNES, C.; SILVA, P. H. I. Entre o prescrito e o real: o papel da subjetividade na efetivação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n.º. 3, set./dez., 2013.

GIUSTI, A; CALVELO, L. **En búsqueda de una medición de la reversibilidad**. Migraciones y Procesos de Integración Regional. S.I: Copiar, 1999.

GRANOVETTER, M.. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, Chicago, v. 78, n.º. 6, 1973.

_____. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 6, n.º. 1, Art. 9, jan./jun. 2007, pp. 1-41, 2007.

HAGAN, J. "Social Networks, Gender and Immigrant Incorporation: Resources and Constraints." **American Sociological Review**, Washington, v. 63, n.º. 1, 1998.

HERRERA, G. Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo a una presencia selectiva. **Política y sociedad**, Madrid, v. 49, n.º. 1, 2012.

HELLERMANN, C. Uma relação difícil? Mulheres imigrantes da Europa de Leste e redes sociais. *In: Anais ... Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, 2004. Disponível em:<http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628e0fa38281_1.pdf>> Acesso: 5 de jan. de 2016.

KOFES, S. **Mulher, Mulheres: Identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

LIMA, J. C.; CONSERVA, M. S. Redes sociais e mercado de trabalho: entre o formal e o informal. **Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, n.º. 24, abril de 2006, pp. 73-98.

LISBOA, T. K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, nº. 3, p. 805-821, set./dez. 2007.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; MELLO, L. F. “**Lugar**” e “**espaço de vida**”: novos enfoques para o planejamento e a participação? *In: Anais...* do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005.

MARQUES, E. C. L. As redes sociais importam para a pobreza urbana? **Dados**, Rio de Janeiro, v. 52, nº.2, pp.471-505, 2009.

MONTICELLI, T. “**Administrando o lar**”: a percepção de uma “cultura doméstica” e os desafios do trabalho doméstico remunerado. *In: Anais...* Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, Florianópolis, 2017.

NETO, M. I. D.; NAZARETH, J. **Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas**. Disponível em:<
http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%C3%ancia%20migrat%20ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf>
. Acesso em: 23 de out. 2012.

OLIVEIRA, M. L. R. Migrações para assentamentos rurais: analisando as trajetórias de assentados no município de Padre Bernardo no Estado de Goiás Brasil. **Mundo agrário**, La Plata, v.12, nº 24, jan./jun. 2012.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. **TRAVESSIAS...** Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do norte de Minas Gerais. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

PISELLI, F. Mulheres migrantes: uma abordagem a partir da teoria das redes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, nº 50, fev. 1998.

PORTUGAL, S. **Novas famílias, modos antigos. As redes sociais na produção do bem-estar**. Tese de Doutorado em Sociologia, Coimbra: FEUC, 2006.

RAMELLA, F. **Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios, in: Inmigración y redes sociales en la argentina moderna**. Tandil: CEMLA-IEHS. 1995.

RAVENSTEIN, E. G. **The laws of migration**. In: Journal of the statistical society. 47. june. pp 167-227. Tradução em MOURA. H. 1980.

SALATA, R. **Deslocamentos laborais, espaços de vida e projetos de autonomia**: trajetórias de mobilidade em Santa Lúcia – SP. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, 2017.

SANTOS, R. J. Trabalho doméstico remunerado e migração feminina: as construções de gênero na cultura dos lavradores do Norte de Minas Gerais. **Revista Fato e Versões**, Santa Maria, v. 17, nº. 13, 2015.

SOARES, W., 2003. A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. R. (Org.). São Paulo: Paz e Terra.

SAQUET, M. A.; MONDARDO, M. C. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 11, nº. 13, julho/dezembro de 2008.

SOUSA, L. G. **Redes sociais, mercado e cultura migratória: um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na microrregião de Governador Valadares no século XXI**. 154 f. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 20, nº. 1, p. 199-218, 2008.